
VIGOTSKI E A FILOSOFIA DA LINGUAGEM HUMBOLDTIANA: UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR¹

Arthur Venuto²

Carlos Henrique de Souza Gerken
Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

RESUMO. O presente artigo busca recuperar parte do contexto dialógico no qual Vigotski construiu sua teoria sobre a relação entre pensamento e linguagem. Nesse contexto, discutimos a forma a partir da qual Vigotski trabalhou duas questões centrais da filosofia da linguagem humboldtiana: a origem da linguagem e a relação entre linguagem e concepção de mundo. A análise desses aspectos permitiu demarcar um universo dialógico interdisciplinar entre Vigotski e Humboldt, indicando zonas de aproximação e de afastamento entre as perspectivas desses autores. Consideramos que a psicologia histórico-cultural de Vigotski, fundamentada no materialismo histórico dialético, promove uma inversão dialética na filosofia da linguagem de Humboldt, ressaltando uma compreensão da linguagem como prática social objetivada. Assim, é possível indicar que a perspectiva vigotskiana acerca da origem da linguagem e da construção de uma concepção de mundo representa uma superação dialética em relação às proposições de Humboldt, uma vez que considera a linguagem um elemento concreto e objetivo, que se modifica no devir histórico e guarda estreitas relações com a base material da qual é proveniente.

Palavras-chave: Psicologia histórico-cultural; pensamento; linguagem.

VIGOTSKI AND THE HUMBOLDTIAN PHILOSOPHY OF SPEECH: AN INTERDISCIPLINARY DIALOGUE

ABSTRACT. This article aims to recover part of the dialogical context in which Vigotski built his theory on the relationship between thinking and speech. In this context, we discuss how Vigotski approached two core questions of the Humboldtian philosophy of speech, namely: the origin of speech and the relationship between speech and worldview. The analysis of these aspects allowed the demarcation of an interdisciplinary dialogical universe between Vigotski and Humboldt, indicating similarities and differences between their perspectives. We consider that Vigotski's cultural-historical psychology, based on the historical-dialectical materialism, promotes a dialectical reversal in Humboldt's philosophy of speech, emphasizing an understanding of speech as an objectified social practice. Thus, it is possible to indicate that the Vygotskian perspective of the origins of speech and of the construction of a worldview is a dialectical overcoming regarding Humboldt's propositions, since it considers speech as a concrete and objective element which changes as history develops and is closely related to the material basis from which it comes.

Keywords: Cultural-historical psychology; thinking; speech.

¹ *Apoio e financiamento:* Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² *E-mail:* arthurvenuto@gmail.com

VIGOTSKI Y LA FILOSOFÍA DEL LENGUAJE HUMBOLDTIANA: UN DIÁLOGO INTERDISCIPLINARIO

RESUMEN. Este artículo tiene por objeto la recuperación de parte del contexto dialógico en el que Vigotski construyó su teoría sobre la relación entre pensamiento y lenguaje. En este contexto, se discute cómo Vigotski trabajó dos temas centrales de la filosofía del lenguaje humboldtiana, a saber: el origen del lenguaje y la relación entre el lenguaje y visión del mundo. Al examinar estos aspectos se ha podido señalar el universo interdisciplinario entre Vigotski y Humboldt, apuntando las conexiones entre las distintas perspectivas de estos autores. Consideramos que la psicología histórico-cultural de Vigotski, basado en el materialismo histórico dialéctico, promueve una inversión dialéctica en la filosofía del lenguaje de Humboldt, con sus énfasis en la comprensión del lenguaje como práctica social objetivado. De este modo, es posible indicar que la psicología de Vigotski sobre los orígenes del lenguaje y la construcción de una visión del mundo plantea una superación dialéctica de las proposiciones de Humboldt, al considerar el lenguaje un elemento concreto e objetivo que lleva en su desarrollo histórico una estrecha relación con la base material que la sostiene.

Palabras-clave: Psicología histórico-cultural; pensamiento; lenguaje.

A relação entre pensamento e linguagem é uma discussão que, por sua natureza interdisciplinar, tem colocado em articulação diversos campos do conhecimento. As raízes desse debate remontam à Filosofia e à Arte e, em seus desdobramentos, foram fundamentais para a constituição da ciência moderna. Nesse campo de problemas, a filosofia humboldtiana ganha destaque por fazer parte de um conjunto de estudos que colocou a linguagem no centro da discussão acerca da constituição do indivíduo ao estabelecer, do ponto de vista teórico, que a linguagem possui um papel constitutivo em relação ao pensamento (Marcondes, 2010). Nesse entendimento, os desdobramentos da tese humboldtiana foram fundamentais para o estabelecimento e a consolidação de diferentes disciplinas, como a Psicologia, a Antropologia e a Sociologia – uma vez que, ao compreender a linguagem como uma atividade constitutiva, estabelece que o estudo da língua de um povo pode ser uma estratégia metodológica para a compreensão de seus processos de pensamento (Taylor, 1985; Lafont, 1993).

A importância da filosofia de Humboldt para a delimitação das ciências sociais e humanas e, em específico, para a constituição da Psicologia, foi objeto de investigação de teóricos que buscaram compreender as formas a partir das quais suas formulações influenciaram alguns pensadores desse campo de problemas. Nessa perspectiva, Jahoda (1992) afirma que o debate entre a Filosofia e a Psicologia ganhou nuances teóricas ainda mais complexas a partir da filosofia da linguagem humboldtiana, uma vez que um dos seus temas privilegiados foi a relação entre linguagem, pensamento e a construção e acesso a uma concepção de mundo em diferentes culturas. Assim, o autor argumenta que a filosofia humboldtiana antecipa alguns elementos que constituem a base da *Völkerpsychologie* de Wundt e, em seus desdobramentos, também contribui para a constituição da psicologia histórico-cultural de Vigotski.

Contemporaneamente, tem sido realizado um grande esforço por parte de um conjunto de pesquisadores (Markova, 1983; Van der Veer, 1996; Kozulin, 1990; Veresov, 1999; Wertsch, 2000, 2007; Zinchenko, 2007; Hardcastle, 2009; Bertau, 2011) cujo objetivo fundamental é a investigação dos aspectos basilares da obra de Vigotski, explicitando o contexto dialógico de sua produção. Nesse debate, os autores citados afirmam, em uníssono, que a filosofia da linguagem de Humboldt ocupa um lugar importante na delimitação da psicologia histórico-cultural de Vigotski, especialmente em suas formulações acerca da natureza da relação entre linguagem e pensamento.

É nessa direção que seguem Kozulin (1990), Van der Veer (1996), Veresov (1999), Wertsch (2007) e Zinchenko (2007), ao afirmarem que Vigotski assumiu um dos pressupostos básicos da filosofia da linguagem de Humboldt quando se posiciona, teoricamente, ao lado daqueles que consideram a linguagem um processo, uma atividade que tem como uma de suas finalidades a constituição do pensamento. Bertau (2011), por sua vez, ao discutir a importância da filosofia de Humboldt no interior do contexto histórico-cultural no qual Vigotski trabalhou, afirma que a filosofia humboldtiana encontrou um terreno fértil na então União Soviética, tendo em vista que os pensadores

daquele contexto se questionavam acerca das diferentes funções desempenhadas pela linguagem em sua dimensão dialógica.

Em sua argumentação, Bertau (2011) ressalta a importância de A. Potebnia para a divulgação e o desenvolvimento da filosofia humboldtiana na Rússia, especialmente por meio de sua principal obra, 'Pensamento e língua', que pode ser considerada uma discussão sistemática das principais teses defendidas por Humboldt acerca da relação entre linguagem e pensamento. Assim, a autora afirma que os estudos da linguagem soviéticos do início do século XX foram marcados pelo denominado humboldtianismo russo, uma vez que se apropriam do entendimento de que a linguagem é uma atividade dialógica e que a palavra é fundamental para a formação do conceito, ou seja, a linguagem é essencial para a constituição do pensamento.

Para Van der Veer (1996), Kozulin (1990), Veresov (1999) e Bertau (2011), a obra de Potebnia despertou grande interesse em Vigotski, tendo contribuído para seu entendimento de que o estudo da linguagem é de fundamental importância para a Psicologia. Assim, a teoria de Potebnia atua como um elo entre a psicologia histórico-cultural de Vigotski e os estudos da linguagem de Humboldt, uma vez que, nos textos de Vigotski, as referências a Potebnia são mais frequentes do que a Humboldt – porém sempre trazem elementos centrais que delimitam e sustentam a filosofia humboldtiana. Nessa perspectiva, Bertau (2011) aponta que o núcleo da pesquisa empírica de Vigotski, acerca da relação entre pensamento e linguagem, é formulado como uma ressonância da filosofia romântica de Humboldt – uma vez que o pressuposto de que a linguagem é uma atividade dialógica que constitui o pensamento é central para suas reflexões.

Sendo assim, partindo do entendimento de que a perspectiva filosófica de Humboldt é importante para a constituição do arcabouço teórico vigotskiano, o objetivo deste artigo é discutir a forma a partir da qual Vigotski compreende dois aspectos fundamentais de seu sistema filosófico: 1. A origem da linguagem e 2. A relação entre linguagem e concepção de mundo. Consideramos que a análise desses aspectos fundamentais para ambas as teorias pode explicitar as relações dialógicas entre esses dois autores, ressaltando a importância do diálogo com a filosofia na delimitação do campo de problemas da psicologia – bem como indicar alguns limites da afirmação de que a psicologia histórico-cultural está enraizada na filosofia de Humboldt.

No contexto deste artigo, a importância da filosofia da linguagem de Humboldt para a delimitação da perspectiva de Vigotski, conforme a indicação de Kozulin (1990), Van der Veer (1996), Veresov (1999), Wertsch (2007) e Zinchenko (2007), coloca em destaque o fato de que o debate que pretendemos desenvolver deve ser compreendido como a recuperação de parte do diálogo estabelecido entre Vigotski e seus interlocutores, colocando em articulação sua base epistemológica materialista histórico-dialética e tendo a filosofia da linguagem de Humboldt, gestada no interior de um contexto filosófico idealista, como um interlocutor privilegiado. É fundamental ressaltar, no entanto, que o nosso esforço teórico representa apenas um recorte específico do estudo acerca do complexo quadro de referenciais teórico-filosóficos com os quais Vigotski dialogou na delimitação de sua teoria, não podendo ser tomado como uma palavra final acerca das questões aqui trabalhadas.

Sendo assim, partimos da necessidade de compreendermos as linhas teóricas gerais que compõem a filosofia de Humboldt, especialmente suas formulações sobre a origem da linguagem e sua relação com a construção de uma concepção de mundo, uma vez que esses elementos atuam como a chave de leitura da obra de Vigotski. Após a delimitação desses aspectos na perspectiva do filósofo alemão, a busca por referências explícitas e implícitas à perspectiva humboldtiana nas obras de Vigotski se constituiu nosso principal procedimento metodológico. Dessa forma, concentramos nossos esforços investigativos na obra "A construção do pensamento e da linguagem" (Vigotski, 1934/2001b) – bem como no texto "História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores" (Vigotski, 1931/2001a), visto que nessas obras estão concentradas as discussões do autor acerca da origem da linguagem e a forma a partir da qual Vigotski compreendia o processo de construção da concepção de mundo nos indivíduos. Além disso, buscamos também os elementos epistemológicos da perspectiva vigotskiana a partir do texto "O significado histórico da crise da psicologia" (Vigotski, 1982/2004), dado que tais pressupostos oferecem as diretrizes fundamentais do processo de construção de sua teoria.

No que tange à organização deste artigo, inicialmente delimitamos as linhas gerais da filosofia da linguagem de Humboldt em suas formulações sobre a origem da linguagem, bem como acerca da construção de uma concepção de mundo para, posteriormente, discutirmos a forma como Vigotski compreende tais questões. Sendo assim, a metodologia de exposição deste trabalho procura favorecer a compreensão do debate que estamos propondo e não pode ser considerada uma reprodução do caminho percorrido na delimitação e na análise de nosso objeto de pesquisa. Antes, a exposição de nossa análise é uma parte da trajetória percorrida para a consecução dos objetivos deste estudo, que assume a teoria de Vigotski como o ponto inicial e final de seu desenvolvimento.

Wilhelm von Humboldt: uma breve contextualização

Nascido no ano de 1767 em Potsdam, Alemanha, Wilhelm von Humboldt era o filho primogênito de uma família cuja condição socioeconômica permitia oferecer aos seus filhos uma ampla e rigorosa educação (Mueller-Vollmer, 2011). Para Lafont (1993), sua produção filosófica está intimamente ligada ao movimento cultural romântico, o que o coloca entre os filósofos mais importantes da passagem entre os séculos XVIII e XIX. A esse respeito, a autora indica que a filosofia humboldtiana compõe um conjunto de estudos da linguagem denominado expressivismo alemão, responsável por lançar as bases epistemológicas de uma revolução nos estudos da linguagem, que passou, mais tarde, a ser conhecida como a virada linguística – colocando a linguagem no centro da discussão filosófica sobre a natureza humana.

Robins (1967) destaca que o Romantismo foi um dos fenômenos culturais de maior peso para a produção intelectual no início do século XIX, profundamente marcado pelo historicismo e pelo nacionalismo, especialmente na Alemanha. É importante ressaltar que, embora a teoria de Humboldt guarde em si aspectos bastante comuns às formulações de sua época e sofra influências bastante claras do Romantismo e da Gramática Comparada, sua teoria se difere dos filósofos de sua geração ao estudar a linguagem sem uma preocupação predominantemente histórica, evitando a simples comparação entre gramáticas para estabelecer a origem da linguagem. É nesse sentido que Milani (2012) argumenta que Humboldt supera seus contemporâneos ao buscar, por meio da comparação gramatical, uma fórmula padrão de desenvolvimento intelectual do processo linguístico em diferentes culturas.

No que toca à fundamentação epistemológica da obra de Humboldt, os estudiosos de sua teoria não oferecem uma palavra final, no entanto, ressaltam a importância da filosofia transcendental de Kant para sua constituição. Nesse aspecto, o tensionamento entre as contribuições de Cassirer (1923/2001), Valverde (1954), Robins (1967), Lafont (1993), Losonsky (1999) e Milani (2012) é fundamental para a compreensão dos aspectos epistemológicos da filosofia humboldtiana, visto que permite afirmar que sua filosofia representa uma ruptura e, ao mesmo tempo, uma continuidade em relação à filosofia transcendental. Sob esse prisma, suas contribuições podem ser consideradas uma continuidade da tese kantiana – posto que também compreendem que a base do conhecimento está na confluência entre sensibilidade e razão. No entanto, são uma ruptura em relação a Kant, uma vez que discordam desse filósofo no que tange à existência de uma razão pura, desvinculada do uso criativo da linguagem e das condições históricas que a fundamentam. Em síntese, Valverde (1954, p. 27, tradução nossa) indica que “Humboldt permanece dentro do que é lícito segundo Kant. (Ou, se preferir outra tradução: ‘depois de Kant’). Ou seja, Humboldt se instala dentro das fronteiras kantianas, em um criticismo que restringe antidogmaticamente as possibilidades cognitivas”.

A filosofia da linguagem de Humboldt: A origem da linguagem e a construção de uma concepção de mundo

Para a realização do debate que estamos propondo, centralizamos nossos esforços de investigação na obra “Sobre a Diversidade da Estrutura Linguagem Humana e sua Influência Sobre o Desenvolvimento Espiritual da Humanidade” (Humboldt, 1836/1990) – em cotejamento com sua edição inglesa (Humboldt, 1836/1999), uma vez que, embora os estudos sobre a linguagem de Humboldt

tenham sido realizados em uma série de obras específicas, é nesta que o tema se concentra e ganha maior expressão (Valverde, 1954).

No entendimento de Humboldt (1836/1990), a linguagem está profundamente articulada com o desenvolvimento espiritual da humanidade e pode ser considerada como a expressão deste processo:

A linguagem é, pode-se dizer, a manifestação externa do espírito dos povos. Sua língua é seu espírito e seu espírito é sua língua: nós nunca poderemos pensá-los suficientemente idênticos (Humboldt, 1836/1990, p. 60, *tradução nossa*).

Dessa forma, ao compreender a linguagem como uma manifestação do espírito de um povo, a investigação acerca da origem da linguagem não pode ser remetida a um processo histórico ou analisado por meio da gramática comparada. Antes, Humboldt afirma que a linguagem é uma atividade que nasce dela mesma:

A linguagem, de fato, surge das profundezas da natureza humana, e isto nos proíbe de compreendê-la como obra e criação dos povos. É uma atividade que nasce dela mesma... e cuja essência não admite explicação, de modo que, vista desta forma, a linguagem não é produto da atividade do homem, mas uma emanção espontânea do espírito (Humboldt, 1836/1990, p. 27, *tradução nossa*).

A questão da origem da linguagem também está relacionada com o entendimento de que a linguagem é uma rede dinâmica, na qual cada elemento é capaz de manifestar em si a totalidade de seu conteúdo. Nesse sentido, uma palavra é capaz de refletir em si todo o sistema linguístico ao qual pertence e sua compreensão pressupõe a existência prévia da linguagem como totalidade simbólica articulada. Dessa forma, não é possível afirmar que o surgimento da linguagem se deu por meio de um longo processo de desenvolvimento histórico. Antes, a linguagem surge sob um único golpe e em sua totalidade. Nessa direção, Humboldt (1836/1990) é bastante crítico em relação às teorias da linguagem que situam seu surgimento na atividade designativa, bem como àquelas que estabelecem seu surgimento a partir da necessidade de socorro mútuo diante de algum perigo. De acordo com o autor,

estas visões situam a humanidade num fictício estado de natureza e são duas das ideias mais equivocadas em relação à linguagem... Mesmo em sua origem mais profunda a linguagem já está presente na humanidade em sua totalidade e se estende sem finalidade deliberada sobre todo o conjunto de objetos que a casualidade coloca ao alcance da percepção de seus sentidos e de sua elaboração interior (Humboldt, 1836/1990, p. 83, *tradução nossa*).

Assim, a argumentação de Humboldt (1836/1990) situa a origem da linguagem – em sua totalidade – no mesmo momento em que surge o homem, uma vez que ela é um elemento definidor da natureza humana e não pode ser reduzida a nenhum outro elemento do qual poderia surgir. A linguagem não é algo que se constrói, mas sim algo que se desenvolve, dado que já está presente no homem desde sua constituição.

Dessa forma, a linguagem não é somente um atributo que qualifica a natureza humana, ela é também uma capacidade – um elemento que se desenvolve a partir da interação entre os diversos indivíduos de uma nação. De acordo com Milani (2012), o sistema humboldtiano representa um modelo linguístico no qual o indivíduo, por meio do exercício do pensamento e do trabalho criativo da linguagem, pode alcançar planos cada vez mais complexos e mais próximos de um ideal estético, ou seja, de uma fórmula linguística perfeita. Assim, a língua de um povo é o que vincula o pensamento abstrato de seus nativos, estabelecendo uma relação complexa entre o pensamento e a língua na qual a prática discursiva constante segue em contínuo aperfeiçoamento.

Sendo assim, é possível indicar que na perspectiva de Humboldt a linguagem é, ao mesmo tempo, um atributo e uma capacidade humana, uma vez que – embora seja um elemento que não permite a investigação de suas origens e está enraizada na natureza humana, ou nas profundezas do espírito humano, ela é algo que, necessariamente, só se desenvolve socialmente. É nesse sentido que o autor

argumenta a respeito da diversidade da linguagem, indicando a língua de um povo como um dos produtos da atividade criadora da linguagem, sem deixar, no entanto, de remeter tal atividade ao conjunto ao qual pertence o indivíduo, ou seja, à sua nação.

As considerações sobre a origem da linguagem, ao indicar suas relações com a língua, são elementos que apontam para a relação entre a linguagem e a construção de uma concepção de mundo, elemento capital na perspectiva de Humboldt (1836/1990). Desse modo, o autor argumenta que a linguagem é o elemento a partir do qual a força do espírito humano entra em uma atividade de criação incessante que, ao constituir a natureza humana, ultrapassa sua dimensão comunicativa, sendo

indispensável para desenvolvimento de suas capacidades espirituais e para construção de uma concepção de mundo, a que o homem só pode chegar na medida em que eleva seu pensamento a uma maior clareza e determinação, o que é fruto do pensar em comunidade com os demais (Humboldt, 1836/1990, p. 32, *tradução nossa*).

De acordo com Humboldt (1836/1990), não se pode considerar cada nação a expressão de uma individualidade humana, porém não se pode compreender um homem, ou sua obra, sem a remissão de suas ações e produtos à nação a qual pertence. Do seu ponto de vista, é o despertar da capacidade criadora da linguagem que possibilita a constituição do indivíduo e a construção da realidade – processos que estão inextricavelmente relacionados: “da mesma forma que sem a linguagem não pode haver nenhum conceito, também não pode haver nenhum objeto para a alma sem a linguagem, pois a realidade não possui uma existência plena, exceto pelo conceito” (Humboldt, 1836/1990, p. 82, *tradução nossa*).

Ao conceber a linguagem como o elemento que possibilita a construção da realidade, Humboldt (1836/1990) condiciona o processo de ordenação e de compreensão do mundo ao despertar da capacidade linguística do indivíduo, ou seja, à apropriação de sua língua materna. Dessa forma, ao considerar a dependência entre pensamento e linguagem, a língua é, antes de qualquer coisa, um meio de construir a realidade, e não apenas seu modo de representação.

Uma vez que a linguagem é considerada a definidora das categorias da razão, responsável pela ordenação e pela compreensão do mundo, ela representa o elemento a partir do qual o indivíduo se insere na cultura e dela se apropria – o que nos leva a compreender o fato de que, na perspectiva de Humboldt, a língua determina a concepção de mundo dos indivíduos, bem como seu modo de pensar e de configurar sua experiência. Nessa perspectiva, a relação entre a linguagem e a construção de uma concepção de mundo para Humboldt (1836/1990) guarda em si um caráter relativista, visto que, ao se considerar que a língua de um povo determina sua concepção de mundo e configura sua experiência, considera-se, necessariamente, que, para cada língua, há uma perspectiva de mundo diferente. Sendo assim, é nesse contexto que é possível indicar o idealismo romântico da filosofia de Humboldt – bem como o caráter relativista de sua tese – posto que em sua filosofia o real está condicionado aos processos linguísticos e não possui existência plena, exceto no interior do conceito.

Outra questão importante para o sistema teórico-filosófico humboldtiano é que, assim como existem diferenças no processo de pensamento e de concepção de mundo entre indivíduos que falam diferentes línguas, também não existe uma forma unívoca de compreender um conceito no interior de uma mesma língua. Assim, uma mesma palavra não suscita exatamente o mesmo significado para indivíduos diferentes: “Ao escutar uma palavra, não há duas pessoas que pensam exatamente o mesmo, e esta diferença, por menor que seja, se estende, como as ondas na água, por todo o conjunto da língua” (Humboldt, 1836/1990, p. 88, *tradução nossa*).

É nesse sentido que Humboldt (1836/1990, p.88, *tradução nossa*) afirma que “toda compreensão é ao mesmo tempo uma incompreensão e toda coincidência de ideias e sentimentos aponta também para uma divergência nas mesmas ideias”. Desse modo, é por meio de pequenas diferenças no significado das palavras, as quais reverberam na estrutura formal da língua e expressam seu caráter dinâmico, que o indivíduo reage, na mesma proporção e em direção oposta à força que a linguagem exerce sobre si próprio, e, ao reagir a tal força, o indivíduo mantém a língua de sua nação viva, modificando-a no devir histórico.

Tendo delimitado as principais diretrizes da forma a partir da qual Humboldt (1836/1990) compreende a origem da linguagem e sua importância para o acesso a uma concepção de mundo, o próximo tópico deste artigo discute a forma a partir da qual Vigotski trabalhou esses aspectos, demarcando suas zonas de aproximação e de afastamento em relação à perspectiva humboldtiana.

A psicologia histórico-cultural de Vigotski: Relações dialógicas com a filosofia de Humboldt

Escrita no início do século XX na antiga URSS (*União das Repúblicas Socialistas Soviética*), a obra de Vigotski discute aspectos teóricos, metodológicos e epistemológicos fundamentais para a Psicologia e, a despeito de seu imenso valor heurístico e inovador, passou por um longo período de obscurantismo em seu país de origem – tendo sido proibida por Stalin a partir de um decreto, em 1936, sendo reeditada apenas em 1956, após a morte do ditador soviético (Prestes, 2010; Prestes & Tunes, 2012; Friedrich, 2012).

A volta do pensamento vigotskiano ao meio acadêmico colocou Vigotski, mais uma vez, como um dos principais pilares de sustentação da discussão acerca da formação do indivíduo por meio da análise do desenvolvimento histórico das funções psicológicas superiores. Nesse sentido, a importância de suas contribuições à Psicologia reside, sobretudo, no explícito esforço de superação das dicotomias constitutivas desse campo de problemas, como a cisão entre natureza-cultura, sociedade-indivíduo, que culminou em diferentes perspectivas de análise no interior dessa disciplina (Pino, 2005).

A discussão acerca do entendimento vigotskiano em relação à origem da linguagem e à construção e acesso a uma concepção de mundo – mediada pela prática discursiva –, pode ser considerada uma forma de explicitar as vinculações epistemológicas das formulações de Vigotski, ressaltando a forma a partir da qual sua teoria procura superar os impasses estabelecidos pela cisão material-idealista no interior desse campo de problemas. Nesse debate, os estudos vigotskianos acerca da origem da linguagem também podem ser considerados um dos pontos centrais que demarcam sua zona de afastamento em relação à perspectiva humboldtiana, uma vez que considera que

A comunicação, estabelecida com base em compreensão racional e na intenção de transmitir ideias e vivências, exige necessariamente um sistema de meios cujo protótipo foi, é, e continuará sendo, a linguagem humana, que surgiu da necessidade de comunicação no processo de trabalho (Vigotski, 1934/2001b, p. 11).

Para Friedrich (2012), a necessidade de um olhar histórico sobre o desenvolvimento do pensamento e da linguagem é um elemento fundamental para a compreensão da proposta vigotskiana no interior de uma proposição materialista histórico dialética de investigação. Nesse sentido, Vigotski (1934/2001b) vai além da afirmação de que a linguagem humana surge a partir da necessidade de comunicação proveniente do processo de trabalho e amplia tal discussão ao ancorar sua perspectiva no estudo filogenético e ontogenético do desenvolvimento dessas funções psicológicas.

Dessa forma, Vigotski (1934/2001b) indica que, tanto do ponto de vista filogenético, quanto ontogenético, pensamento e linguagem se desenvolvem em linhas genéticas distintas. A respeito da filogênese, o autor se ampara nos experimentos de Köhler e Yerkes e indica que, em suas origens, o pensamento e a linguagem possuem raízes distintas e seu desenvolvimento segue por linhas genéticas diferentes e independentes uma da outra. É nesse sentido que o psicólogo soviético ressalta a existência de uma fase pré-linguística no desenvolvimento do pensamento e uma fase pré-intelectual no desenvolvimento da linguagem.

Embora as pesquisas de Köhler e Yerkes sejam fundamentais para as conclusões vigotskianas sobre as raízes genéticas do pensamento e da linguagem na filogênese, Vigotski (1934/2001b) afirma que tais conclusões não são novidade teórica para os estudiosos do materialismo histórico dialético. Tal argumentação ressalta que, ao analisar as pesquisas de Köhler e Yerkes, Vigotski buscava

evidências experimentais que comprovassem aquilo do qual ele já tinha conhecimento por meio da filosofia de Marx e Engels.

No que se refere à ontogênese, a argumentação de Vigotski parte do mesmo princípio, ao afirmar que, também no desenvolvimento do indivíduo, as raízes genéticas do pensamento e da linguagem são distintas. No entanto, prescindindo de qualquer paralelismo entre filogênese e ontogênese, posto que as relações interfuncionais e históricas que fundam a consciência humana se dão por meio de saltos dialéticos que modificam radicalmente sua estrutura, Vigotski (1934/2001b) ressalta que, em um determinado momento do desenvolvimento do indivíduo, as linhas genéticas do pensamento e da linguagem, até então separadas, se cruzam e formam uma nova forma de comportamento: o pensamento verbal.

É importante ressaltar, portanto, que a busca pelas raízes genéticas do pensamento e da linguagem realizada por Vigotski (1934/2001b) o coloca em oposição à perspectiva humboldtiana, uma vez que compreende a necessidade de comunicação nos processos de trabalho como um fator de grande importância para o desenvolvimento da linguagem e para um salto qualitativo que modifica a forma a partir da qual o homem atua no mundo. Nessa direção, a investigação filogenética e ontogenética do pensamento e da linguagem marca uma posição teórica e epistemológica diferente daquela delimitada no idealismo de Humboldt (1836/1990) e demonstra que a perspectiva histórico-cultural não pode ser caracterizada como uma mera adaptação materialista da filosofia humboldtiana. Antes, Vigotski parte de uma perspectiva epistemológica realista, o materialismo histórico dialético – que implica modificações, tanto em suas formulações em relação à origem da linguagem, quanto na concepção do autor acerca da construção de uma concepção de mundo.

Sendo assim, ao considerarmos a importância do materialismo histórico dialético como solo epistemológico que sustenta a produção teórica de Vigotski (Zanella et al, 2007; Romanelli, 2011; Friedrich, 2012;), é importante ressaltar que – se a linguagem possui sua origem na necessidade de comunicação, gestada no interior dos processos de trabalho, ela deve ser compreendida, necessariamente, como prática social objetivada – e não como o trabalho do espírito conforme a proposição de Humboldt (1836/1990). No que tange à base epistemológica que fundamenta sua produção científica, Vigotski (1982/2004) rechaça qualquer perspectiva eclética de conciliação entre as perspectivas idealistas e materialistas no interior da Psicologia e estabelece duas teses fundamentais. A primeira delas refere-se à base material dos conceitos científicos:

Todo conceito científico-natural, por mais alto que seja seu grau de abstração em relação ao fato empírico, encerra também uma concentração, um sedimento da realidade concreta e real de cujo conhecimento científico surgiu, ainda que seja só em uma solução muito fraca. Ou seja, a qualquer conceito, ainda que se trate do mais abstrato – do último – corresponde um certo grau de realidade, representada no conceito em forma abstrata, segregada da realidade;... Inclusive um conceito tão abstrato como a série numérica, inclusive uma ficção tão patente como o zero (isto é, a ideia da ausência de qualquer magnitude) são, como mostrou Engels, plenamente qualitativos (Vygotski, 1982/2004, pp. 232-233).

Por outro lado, se a primeira tese defende a argumentação de que todo conceito – seja ele científico ou não –, está vinculado à objetividade da mediação social da qual é proveniente, a segunda tese apresentada por Vigotski (1982/2004) é seu par antitético. Nessa perspectiva, todo fato empírico já é produto de uma abstração:

A segunda tese que é necessário estabelecer para realizar uma análise de princípio do problema da ciência geral é oposta à primeira. Se aquela afirmava que na mais alta abstração científica há um elemento da realidade, esta, como teorema contrário, estabelece que todo fato científico-natural isolado, por mais empírico e pouco maduro que seja, já encerra uma abstração primária... Os corpos físicos, o movimento, a substância, são abstrações. O próprio ato de denominar um fato mediante a palavra supõe superpor a ele um conceito, o de destacar nele uma de suas facetas significa interpretá-lo assimilando-o à categoria dos fenômenos reconhecida anteriormente pela experiência (Vigotski, 1982/2004, p. 234).

As citações anteriores indicam que a perspectiva vigotskiana se fundamenta no solo epistemológico delimitado por Marx e Engels, uma vez que as teses estabelecidas pelo autor compõem uma oposição dialética que delimita alguns princípios básicos na produção do conhecimento, ressaltando as relações com sua base objetiva e material. No interior dessa perspectiva ontológica e epistemológica, o desenvolvimento da linguagem, atrelado às relações de trabalho, pressupõe sua objetividade e atua como um elemento concreto de mediação entre indivíduo e sociedade – o que modifica a forma a partir da qual Vigotski compreende as diferentes formas de pensamento.

Assim, se, por um lado, a perspectiva de Humboldt (1934/1990) afirma que a diversidade da estrutura da linguagem implica diferentes formas de construção da realidade, por outro, a perspectiva de Vigotski (1934/2001b) argumenta que as condições objetivas de existência determinam os processos linguísticos e, conseqüentemente, os diferentes processos de pensamento. Nesse sentido, é possível afirmar que, assim como Marx inverte a dialética de Hegel ao indicar a objetividade como elemento motriz do devir histórico, Vigotski também promove uma inversão dialética na filosofia humboldtiana, indicando o caráter objetivo e material da linguagem. Nesse entendimento, não é a linguagem que determina a realidade, antes, é a realidade (objetiva) que determina a linguagem e, em última instância, os processos de pensamento. Dessa forma, a inversão dialética entre linguagem e realidade realizada por Vigotski (1934/2001b) é um elemento epistemológico que promove a superação do relativismo linguístico presente na teoria humboldtiana.

No entanto, Vigotski se aproxima da perspectiva humboldtiana ao argumentar que, nos processos de comunicação, uma palavra não significa exatamente a mesma coisa para dois falantes de uma língua. Na obra “Psicologia da arte” (Vigotski, 1965/1999), em uma das poucas citações explícitas à Humboldt presentes em sua obra, Vigotski afirma que, “como formulou com inteira razão Humboldt, toda interpretação é uma incompreensão, ou seja, os processos de pensamento que o discurso do outro suscita em nós, nunca coincidem plenamente com os processos que ocorrem com o falante” (p. 49).

A discussão acerca dos diferentes processos de pensamento suscitados no indivíduo a partir da relação dialógica também está presente na argumentação de Vigotski em “A construção do pensamento e da linguagem” (1934/2001b). Nesse sentido, as suas formulações a respeito do desenvolvimento do significado das palavras colocam em relevo que, embora adultos e crianças consigam se comunicar e se compreender mutuamente, não há identidade entre os conceitos suscitados pelas palavras proferidas por um ou outro. Antes, o que permite a comunicação e o entendimento entre adultos e crianças é a coincidência dos referenciais concretos envolvidos no contexto da ação comunicativa, e não os seus significados propriamente ditos.

Por fim, a proposição de Vigotski acerca da construção de uma concepção de mundo também aponta para uma superação dialética da filosofia humboldtiana. Se na perspectiva de Humboldt (1836/1990) a linguagem é o único fator envolvido na constituição da consciência – construindo concomitantemente a realidade, a concepção de mundo e as possibilidades cognitivas do indivíduo –, a perspectiva de Vigotski amplia esse entendimento ao indicar a apropriação da objetividade social como critério definidor da subjetividade. Para Vigotski (1931/2001a), a concepção de mundo “é tudo aquilo que caracteriza a conduta global do homem, a relação cultural da criança com o mundo exterior” (p. 328, tradução nossa). Assim, o autor amplia o entendimento humboldtiano a respeito da construção de uma concepção de mundo e argumenta que todas as funções psicológicas são importantes nesse processo. Em suas palavras,

se examinarmos nossa pesquisa em seu conjunto, numa visão panorâmica, veríamos os complexos e emaranhados fios que entrelaçam e ligam entre si todos os seus capítulos. Por exemplo, a linguagem, que é o meio fundamental de desenvolvimento da personalidade, nos leva a forma principal da memória mnemotécnica, que se faz compreensível somente à luz da função indicadora dos signos da atenção. A palavra é a ferramenta direta da formação dos conceitos. A linguagem é o meio fundamental do pensamento e está vinculada ao desenvolvimento do gesto, do desenho, do jogo e da escrita. A atenção, por sua vez, nos proporciona a base necessária para o desenvolvimento dos conceitos que, sem ela não seriam claros; jamais poderíamos relatar a história da personalidade ou da concepção infantil do mundo, se tais fios reiteradamente

entrelaçados não houvessem sido delimitados em nossa exposição anterior (Vigotski, 1931/2001a, p. 329-330, *tradução nossa*).

Sendo assim, a concepção de mundo para Vigotski é um elemento histórico e social, construído a partir de relações interfuncionais, nas quais a linguagem é um meio a partir do qual o indivíduo se apropria da cultura, além de se constituir como um elemento de mediação entre as demais funções psicológicas superiores. Desse modo, Vigotski também amplia e supera dialeticamente as contribuições de Humboldt ao ressaltar que a construção da concepção de mundo não pode se limitar a uma função psicológica em específico. Antes, deve se voltar ao conjunto das funções psicológicas, colocando em evidência o caráter histórico e social das complexas relações interfuncionais que, mediadas simbolicamente, fundam a consciência humana.

Considerações Finais

A discussão sobre as relações dialógicas entre a filosofia da linguagem humboldtiana e a psicologia histórico-cultural de Vigotski, desenvolvida ao longo deste artigo, envolveu a consideração de aspectos epistemológicos, metodológicos e teóricos – explicitados a partir do tensionamento entre essas duas teorias. Sendo assim, ao discutirmos os principais aspectos que compõem o sistema teórico humboldtiano, especialmente aqueles relacionados à origem da linguagem e à construção de uma concepção de mundo, em articulação com as formulações de Vigotski acerca das mesmas questões, foi possível indicar alguns limites da afirmação de que a psicologia histórico-cultural possui suas raízes no sistema filosófico de Humboldt.

De modo específico, é possível indicar que a perspectiva vigotskiana acerca da origem da linguagem e da construção de uma concepção de mundo mediada pela prática discursiva representa uma superação dialética em relação às proposições de Humboldt, uma vez que considera a linguagem um elemento concreto e objetivo, que se modifica no devir histórico e guarda estreitas relações com a base material da qual é proveniente e pela qual é sustentada, em meio a práticas sociais diversas. Nessa argumentação, a análise acerca da origem da linguagem na perspectiva vigotskiana foi um elemento importante para retomar algumas questões epistemológicas que compõem o sistema teórico proposto por Vigotski e representam um ponto no qual o psicólogo soviético difere, radicalmente, da perspectiva de Humboldt.

Se a análise do tratamento dado por Vigotski (1934/2001b) em relação à origem da linguagem representa um afastamento de sua perspectiva em relação ao idealismo humboldtiano, as formulações de Vigotski acerca da construção de uma concepção de mundo indicam diferentes matizes no diálogo entre os autores. Assim, embora Vigotski não considere a linguagem o único elemento responsável pela construção de uma concepção de mundo, ele não desconsidera sua participação nesse processo, ressaltando a importância da mediação simbólica para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores que, por sua vez, também participam do processo de construção de uma concepção de mundo nos indivíduos.

Por fim, consideramos que a relação dialógica entre a filosofia da linguagem de Humboldt e a psicologia histórico-cultural de Vigotski só pode ser compreendida se remetermos sua análise à base epistemológica a partir da qual Vigotski desenvolveu sua teoria. Sendo assim, consideramos que o materialismo histórico-dialético direciona o trabalho criativo de Vigotski e implica uma compreensão de sua teoria, que ultrapassa a recapitulação dos pressupostos teórico-filosóficos que lhe serviram de base, guardando em si uma grande potencialidade crítica em sua tarefa de orientar o pensamento em direção a uma prática social transformadora.

Referências

- Bertau, M. C. (2011). Speech for the Other: Constructing cultural-historical psycholinguistics. *Activity Theory – Journal of activity-theoretical research in Germany*, 5, 13-49.
- Cassirer, E. (1923/2001). *A Filosofia das Formas Simbólicas I - A Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Friedrich, J. (2012). *Lev Vigotski – Mediação, Aprendizagem e Desenvolvimento: Uma leitura filosófica e epistemológica*. Campinas: Mercado de Letras.
- Hardcastle, J. (2009). Vigotski's enlightenment precursors. *Educational Review*, 61(2), 181-195.
- Humboldt, W. V. (1836/1990). *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Barcelona: Anthropos.
- Humboldt, W. v. (1836/1999). *On speech: On the diversity of human speech construction and its influence on the mental development of the human species*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jahoda, G. (1992). *Encrucijadas entre la cultura y la mente - Continuidades y cambio em las teorías de la naturaleza humana*. Madrid: Visor.
- Kozulin, A. (1990). *La psicología de Vigotski*. Madrid: Alianza.
- Lafont, C. (1993). *La razón como lenguaje - Una revisión del 'giro lingüístico' em la filosofía del lenguaje alemana*. Madrid: Visor.
- Losonsky, M. (1999). Prefácio. In: W. v. Humboldt, *On speech: On the diversity of human speech construction and its influence on the mental development of the human species*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Marcondes, D. (2010). *Textos básicos de linguagem. De Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Markova, I. (1983). The origin of the social psychology of speech in German expressivism. *British Journal of Social Psychology*, 22(4), 315-325.
- Milani, S. E. (2012). *Aspectos historiográficos-linguísticos do século XIX - Humboldt, Whitney e Saussure*. Jundiaí: Paco Editorial.
- Mueller-Vollmer, K. (2011). "Wilhelm von Humboldt". *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Ed. Edward N. Zalta. Recuperado em 22 de junho de 2014 de <http://plato.stanford.edu/archives/fall2011/entries/wilhelm-humboldt>
- Pino (2005). *As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez..
- Prestes, Z. (2010). *Quando não é quase a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovich no Brasil – Repercussões no campo educacional*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil.
- Prestes, Z. & Tunes, E. (2012). A trajetória das obras de Vigotski: um longo percurso até os originais. *Estudos de Psicologia*, 29(3), 327-340.
- Robins, R. H. (1967). *Pequena História da Linguística*. São Cristóvão: Ao Livro Técnico.
- Romanelli, Nancy. (2011). A questão metodológica na produção vigotskiana e a dialética marxista. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 199-208.
- Taylor, C. (1985). *Human agency and speech*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Valverde, J. M. (1954). *Guillermo de Humboldt y la filosofía del lenguaje*. Madrid: Editorial Gredos.
- Van der Veer, R. (1996). The concept of culture in Vigotski's thinking. *Culture & Psychology*, 2, 247-263.
- Veresov, N. (1999). *Undiscovered Vigotski: Etudes on the pre-history of cultural-historical psychology*. Frankfurt: Peter Lang.
- Vigotski, L. S. (1965/1999). *A psicología da arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1931/2001a). Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: *Obras Escogidas Tomo III*. Madrid: Visor.
- Vigotski, L. S. (1934/2001b). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1982/2004). O significado histórico da crise na psicologia. In: L. S. Vigotski, *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Wertsch, J. (2007). Mediation. In: H. Daniels, M. Cole, & J. V. Wertsch (Orgs), *The Cambridge companion to Vigotski*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wertsch, J. (2000). Vigotski's two minds on the nature of meaning. In: C. D. Lee, & P. Smagorinsky, *Vygotskian Perspectives on Literacy Research*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Zanella, A. V.; Reis, A. C.; Titon, A. P.; Urnau, L. C. & Dassoler, R. T. (2007). Questões de método em textos de Vigotski: Contribuições à pesquisa em psicologia. *Psicologia & Sociedade*, 19(2), 25-33.
- Zinchenko, W. (2007). Thinking and word: The approaches of L. S. Vigotski and Gustav Shpet. In: H. Daniels, M. Cole, & J. V. Wertsch (Orgs), *The Cambridge companion to Vigotski*. Cambridge: Cambridge University Press.

Recebido em 10/09/14

Aceito em 08/11/15

Arthur Venuto, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (PPG-PSI/UFSJ), Brasil

Carlos Henrique de Souza Gerken: Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).